

O PERFIL EDITORIAL DA REVISTA A ESTAÇÃO: JORNAL ILUSTRADO PARA A FAMÍLIA

THE EDITORIAL INCLINATION OF THE MAGAZINE A ESTAÇÃO: JORNAL ILUSTRADO PARA A FAMÍLIA

*Jaison Luís Crestani**

RESUMO: Este trabalho é um estudo panorâmico sobre a revista *A Estação: Jornal ilustrado para a família* (1879-1904). Propõe-se examinar o perfil editorial da revistas: propósitos, formato, seções, tendências ideológicas, contratos estabelecidos com o leitor e as condições de produção literária que eram oferecidas para autores como Machado de Assis.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Imprensa periódica, *A Estação*, Machado de Assis.

ABSTRACT: This work is a study about the magazine *A Estação: Jornal ilustrado para a família* (1879-1904). It examines the magazine's editorial inclination: purposes, format, sections, ideological tendencies, contracts established with the reader and the literary production conditions that were offered to authors as Machado de Assis.

KEY WORDS: Literature, periodical press, *A Estação*, Machado de Assis.

* Doutorando pela UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis-SP. Bolsista FAPESP. E-mail: jaisoncrestani@hotmail.com.

O PERFIL EDITORIAL DA REVISTA *A ESTAÇÃO*: *JORNAL ILUSTRADO PARA A FAMÍLIA*

Introdução

Este trabalho pretende traçar um estudo panorâmico da revista *A Estação* (1879-1904), definindo suas condições de produção e as especificidades de seu perfil editorial. Para tanto, examinaremos as disposições do *contrato* estabelecido com o receptor por meio da apreciação dos editoriais e cartas da redação aos assinantes. Traçaremos também uma análise geral do conteúdo oferecido aos assinantes em suas diversas seções, procurando definir os propósitos da revista e as suas tendências ideológicas.

O interesse de revisitar as páginas envelhecidas do periódico reside na importância de se recuperar o contexto de produção de um dos nomes mais célebres da literatura brasileira: Machado de Assis. Nas páginas d'*A Estação*, o autor publicou 37 contos, 06 poemas, 01 novela, 01 romance e diversas outras produções de gêneros variados, tais como crítica, resenhas, editoriais, traduções, variedades etc. Uma parte considerável dessas produções tem sido minuciosamente estudada pela fortuna crítica machadiana, mas raramente tem-se voltado às fontes primárias, às formulações originais de suas obras e às condições e disposições do regime de produção oferecido pela interação entre a empresa jornalística e a atividade de criação literária. Portanto, a recuperação das especificidades desse contexto poderá

contribuir para uma visão mais autêntica dos processos composicionais e dos desenvolvimentos temáticos da obra machadiana.

1. Descrição geral do periódico

O periódico *A Estação: Jornal ilustrado para a família* era uma publicação quinzenal editada pela tipografia Lombaerts, no Rio de Janeiro, que circulou regularmente no período de 15 de janeiro de 1879 a 15 de fevereiro de 1904. Conforme as indicações de Marlyse Meyer, a revista era “uma continuação brasileira da publicação francesa *La Saison* (da qual conservou igual a diagramação do cabeçalho), que circulou no Brasil entre 1872 e 1878. Prolonga-lhe também a seriação, assim, o primeiro número da *Estação* começa no ano VIII” (MEYER, 1993, p. 76).

A *Estação* dividia-se em duas partes com paginação independente: o “Jornal de modas” e a “Parte literária”. A primeira era assumidamente importada, traduzida da revista alemã *Die Modenwelt*¹, publicada pela editora Lipperheide de Berlim. Essa parte oferecia um editorial sobre a moda em Paris e uma quantidade abundante de figurinos, gravuras, riscos, trabalhos manuais, dicas e conselhos de economia e utilidade doméstica etc.

A parte literária, por sua vez, era composta especialmente para a edição brasileira, contando, para tal, com a colaboração de autores renomados da literatura brasileira. Nesse suplemento, publicava-se ficção (conto, novela, romance), crônicas teatrais, críticas, resenhas, relatos de viagens, variedades, notícias, seções de entretenimento, belas artes (pinturas e partituras musicais), entre outros assuntos do interesse das leitoras.

2. A carta-programa e os propósitos editoriais da revista *a estação*

Para uma apreciação eficiente dos propósitos e das especificidades do periódico, é de fundamental importância o exame das cartas-programas e dos editoriais dirigidos aos seus assinantes. Nesses editoriais, constitui procedimento habitual um projetar-se promissivo para atos futuros de escrita, através do qual podemos apreender e discutir a imagem que a imprensa

¹ Sobre a filiação de *A Estação* à *Die Modenwelt*, Ana Cláudia Suriani da Silva (2004) destaca o funcionamento empresarial da revista alemã: “[...] criando um formato padrão para a publicação de revistas de modas e filiando-se a editores em países diferentes, [a editora Lipperheide] fazia circular o mesmo periódico em treze línguas diferentes: em alemão, inglês, holandês, dinamarquês, sueco, francês, italiano, espanhol, português, russo, polonês, checo e húngaro” (SILVA, 2004, p. 1).

procura dar de si mesma e do seu público-alvo. É o lugar, por excelência, da afirmação de propósitos, do delinear de projetos e da construção de um determinado horizonte de expectativa no leitor.

Vejamos, portanto, como é elaborado o editorial de abertura da revista, publicado no número 1, de 15 de janeiro de 1879, e dirigido “Aos nossos leitores”:

Começa este número o oitavo ano do nosso jornal e foram tantas as provas de animação dispensadas a esta empresa desde o começo, pelo respeitável público em todo o Império, que afinal vemos coroados os esforços constantes, as lutas de sete anos prestes a serem coroadas do mais feliz exito e cada vez mais nos aproximamos ao fim que desde o princípio nos propusemos: criar um jornal brasileiro indispensável a toda mãe de família econômica que deseja trajar e vestir suas filhas segundo os preceitos da época.

Acabamos de folhear a coleção dos n^{os} publicados sob o título *La Saison – Edição para o Brasil* e não é sem experimentarmos um intenso sentimento de satisfação que vimos as provas do pouco que temos feito, mas que muito foi para atingirmos ao alvo que almejávamos (*A ESTAÇÃO*, 15 jan. 1879, p. 1).

Nesse primeiro fragmento, evidencia-se a continuidade apontada em relação à publicação francesa *La Saison*. O interesse do público pela revista precedente é indicado como justificativa para a criação de um “jornal brasileiro” com as mesmas disposições da revista francesa. Cumpre assinalar o destaque conferido pelo periódico à moda e à mulher, conforme transparece em seu direcionamento “a toda mãe de família econômica que deseja trajar e vestir suas filhas segundo os preceitos da época”. O editorial prossegue nos seguintes termos:

Às nossas amáveis leitoras e principalmente àquelas que nos acompanham desde 1872 perguntaremos: cumprimos nós fielmente o nosso programa, auxiliando e aconselhando as senhoras mais econômicas, fornecendo-lhes os meios de reduzirem a sua despesa, sem diminuição alguma do grau de elegância a que as obrigava a respectiva posição na boa sociedade, incutindo ou fortificando-lhes o gosto para o trabalho e moralizando a família a que, por seu turno, saberão incutir sentimentos iguais?

O exame imparcial, que poderão fazer as nossas leitoras, dar-lhes-á a prova dos esforços que fizemos para agradar-lhes (*A ESTAÇÃO*, 15 jan. 1879, p. 1).

Nesse trecho, observa-se que a revista francesa precedente, *La Saison*, dirigia-se especificamente ao público feminino. É preciso lembrar que essa publicação não apresentava a parte literária que passaria a fazer parte da revista brasileira *A Estação*, restringindo-se apenas à parte de modas, vinda de fora. Nesse direcionamento mais restrito ao público feminino, *La Saison* parece destacar as senhoras de uma “posição” específica na “boa sociedade”, que as obrigava a manter certo “grau de elegância”. A combinação entre a necessidade de reduzir despesas e a exigência de certa elegância é indicativa de uma classe que, embora não seja a dominante, está muito próxima desta, participando dos mesmos círculos sociais. Pode-se dizer, portanto, que *La Saison* centrava sua atenção, de modo particular, na classe média burguesa, em que a mulher era a principal responsável pela vida elegante da família.

Na transformação de *La Saison* em um “jornal brasileiro”, é possível que o editor tenha vislumbrado uma ampliação do público receptor do periódico. A inclusão de uma parte literária, contendo ficção, belas artes, cultura e seções de entretenimento, demonstra a preocupação dos editores em diversificar o conteúdo da revista. Desse modo, na transformação de *La Saison* em *A Estação*, evidencia-se a intenção de criar uma revista destinada a toda família, conforme transparece na designação que acompanha o novo título: *Jornal ilustrado para a família*.

Na seqüência, o editorial de abertura da revista prossegue com considerações a respeito do descompasso que se observa na aclimação das tendências da moda européia no Brasil, em função da divergência entre as estações climáticas:

Antigamente a moda apenas mudava duas vezes por ano. Em Paris, em Outubro apareciam as pelúcias, os vestidos escuros, as fazendas de lã, os chapéus de veludo, e ao aproximar-se a Semana Santa ideavam-se novos toucados, vestuários ligeiros e de cores alegres.

O que daí resultava para nós era o ridículo, visto como quem queria trajar no rigor da moda tinha forçosamente de morrer de calor em janeiro e constipar-se em junho.

Hoje, felizmente, a moda, mesmo em Paris, altera-se de dia para dia; constantemente aparecem novas criações, variegadas combinações as quais, pelo seu grande número e variedade, posto que sempre imaginadas em estações contrárias, fornecem elementos para que, aplicados com inteligência, possamos, aqui, trajar na última moda, fugindo do contra-senso.

O jornal de modas brasileiro, pois, que outrora seria uma impossibilidade, é possível hoje.

A Estação será o primeiro jornal deste gênero.

Continua a folha como até agora, no que diz respeito à parte de modas. Claro está que esta parte forçosamente parisiense só poderia colher os seus elementos na capital da moda. Ainda encontrarão as nossas leitoras nas nossas páginas pesados mantos no verão e *toilettes* leves no inverno, porém junto a isso, que não podemos eliminar sob pena de não mais produzir a moda parisiense, encontrarão também todas as explicações que lhe indicarão os meios de tirar alguma vantagem desses objetos, conformando-se com as exigências de nosso clima.

Por esse lado continuará o nosso jornal a ser parisiense (*A ESTAÇÃO*, 15 jan. 1879, p. 1).

O editorial registra o descompasso e o ridículo que acompanha a adaptação da moda parisiense no Brasil (“morrer de calor em janeiro e constipar-se em junho”), no entanto, não vislumbra qualquer possibilidade de desconsiderar Paris para quem queira vestir-se no rigor da moda. A solução encontrada pela direção do periódico para fugir, ou melhor, amenizar o “contra-senso”, é instruir as leitoras para adaptar as tendências parisienses às *inconvenientes* “exigências do nosso clima”. A impressão que fica é a de que não há outro caminho possível para uma revista de modas senão aquele cujo destino certo é Paris, “a capital da moda”.

Em seguida, o editorial se volta para o suplemento literário, enfatizando o compromisso de torná-lo autenticamente brasileiro:

Por outro lado porém, na parte agradável e recreativa, devíamos torná-lo *nosso* e assim o fizemos.

Confiamos a parte literária da *Estação* a pessoas de reconhecida habilidade e neste número encetamos a publicação de uma produção de um de nossos mais talentosos e festejados romancistas, que, especialmente para o nosso jornal, a escreveu e cuja coroa brilhante vai por esse motivo adquirir mais um luzido florão (*A ESTAÇÃO*, 15 jan. 1879, p. 1).

Dentre os colaboradores de “reconhecida habilidade”, destaca-se o nome de Machado de Assis que, já no primeiro mês de circulação do periódico, marca presença com a publicação do conto “Curiosidade” (M. *A Estação*,

jan. a jun. 1879). A revista contava também com a produção de outros escritores de reconhecida competência, como é o caso das poesias de Olavo Bilac, Raymundo Correa, Alberto de Oliveira, Luiz Delfino, Luiz Murat, Guimarães Passos; narrativas de Lúcio de Mendonça, Luiz Guimarães Júnior, Júlia Lopes de Almeida; crônicas de Arthur Azevedo, entre outros.

Na parte final do editorial, o enfoque torna a reincidir sobre a moda, elemento decisivo para o sucesso da revista:

A parte do jornal que, hoje, indevidamente ocupamos com estas observações, pertence à nossa redatora parisiense, que, depois de nos dar a explicação minuciosa de todas as gravuras e moldes publicados na folha, aqui resumirá em breves palavras os fastos da moda na sua metrópole.

Uma senhora que se acha em contato imediato e constante com a sociedade elegante escolhida dos nossos salões fluminenses, dignou-se tomar o encargo de, quinzenalmente, contar às nossas leitoras como são interpretadas pelas nossas belas patrícias os preceitos da elegância dos salões do *faubourg* Saint-Honoré. Escolheremos no que de melhor se publicar nos jornais de senhoras mais acreditados da França, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, aqueles artigos cujo assunto possa interessar às nossas leitoras, cuidado esse também a cargo de pessoa muito experimentada, cuja colaboração tivemos a fortuna de adquirir.

As nossas leitoras sabem se temos sido fiéis cumpridores de nossas promessas; continuem-nos o seu favor, digne-se cada uma delas recomendar, às vezes, *A Estação* às suas amigas, como se pode recomendar um conhecido em quem se confia, que nós, cômnicos da nossa dívida de reconhecimento, saberemos patentear-lo (*A ESTAÇÃO*, 15 jan. 1879, p. 1).

Desse modo, a parte dedicada à moda seria coordenada por uma redatora parisiense que, além do relato das tendências da moda parisiense, traçado na “Crônica da moda” que abria a revista, provavelmente era quem se responsabilizava também pela tradução e adaptação da matriz alemã para a edição brasileira. O fragmento reproduzido mostra também que a revista ainda contava com uma colaboradora brasileira, que se encarregava do registro da vida elegante nos salões fluminenses.

Em suma, dos propósitos iniciais traçados na carta-programa da revista, depreende-se que *A Estação* propõe-se a dar continuidade à publicação francesa *La Saison*, promovendo, no entanto, uma diversificação do seu conteúdo com a criação de uma parte literária autenticamente brasileira.

Com isso, a revista deixava de se restringir exclusivamente ao público feminino e passava a adotar como alvo a família. A despeito dessa ampliação, a mulher continuava a manter uma posição de destaque nas preocupações do periódico, que priorizava uma classe intermediária, cujo distintivo essencial era a *elegância com economia*. No que compete à parte de modas, a direção d'*A Estação* demonstra consciência dos descompassos que envolvem a filiação às tendências da moda parisiense, mas não vislumbra qualquer possibilidade de renúncia aos preceitos da capital francesa. Sobre este ponto, cumpre assinalar a ausência de referência à filiação da revista à matriz alemã, *Die Modenwelt*. Dessa forma, tem-se a impressão de que a matriz seria a publicação francesa, *La Saison*, o que pode ser considerado como uma estratégia de venda da revista, já que no Brasil havia uma nítida atração por tudo o que fosse de origem francesa. Para finalizar, a parte literária assumia o compromisso de oferecer produções de autores renomados da literatura brasileira, com destaque para a figura de Machado de Assis, que marca presença desde os primeiros números da revista.

3. As “torturas do câmbio” e as oscilações nos preços das assinaturas

Destinada prioritariamente a um público de classe média, *A Estação* permite entrever uma predisposição em manter um preço acessível aos seus assinantes. No editorial de final de ano de 1879, os editores enfatizam o compromisso de “melhorar [a revista], sem alterar o preço da assinatura”. E prosseguem com outras promessas, certamente destinadas a atrair e a assegurar o público consumidor num período de renovação das assinaturas:

Este sistema de associação do assinante à empresa [...] permitiu, pela módica quantia de 12\$ anuais, que este jornal desse aos seus assinantes a soma de matérias e gravuras superior à de qualquer publicação ilustrada [...]. A nossa parte literária vai ser ampliada e sofrer diversos melhoramentos que o tornará um verdadeiro jornal literário e ilustrado, reunido ao outro, tratando exclusivamente de modas, porém podendo ser colecionado e encadernado à parte (*A ESTAÇÃO*, 31 dez. 1879).

O compromisso firmado com os assinantes seria rigorosamente cumprido por longo prazo. De 1879 a 1890 os preços das assinaturas seriam mantidos nas suas formulações iniciais: a assinatura por um ano custava,

para a corte, 12\$000, e para as províncias, 14\$000. No entanto, o número de 15 de janeiro de 1888 começava a dar sinais de dificuldades em manter os valores originais, abrindo a possibilidade de que se fizessem também assinaturas semestrais a um custo de 7\$000 para a corte e 8\$000 para as províncias.

Desde março de 1882, os editores vinham promovendo uma campanha contra o empréstimo dos jornais – hábito brasileiro que deveria causar grande prejuízo para as vendas da revista:

Jornais Emprestados

Toda gente é concorde em afirmar que o Brasil é um país não essencialmente agrícola como também profundamente contrário à letra redonda. Todos o sabem e os editores o sentem. Mas, por outro lado, [...], não há talvez país nenhum no mundo em que se emprestem livros e jornais com tamanha profusão do que entre nós.

O tendeiro que assina o “Jornal do Comércio”, não julgue a leitora que o faça para recreio seu, mas sim para o emprestar a vinte ou trinta famílias que o reclamam 20 ou 30 mil vezes na roda do dia.

Com “A Estação”, particularmente, pode-se dizer que cada assinante representa, termo médio, dez leitores, o que nos dá uma circulação de 100 mil leitores, quando, aliás, nossa tiragem é apenas de 10 mil assinantes.

[...] Queiram portanto V.V. Exmas. minhas senhoras, (e dizendo isto no próprio proveito de V.V. Exma.) nunca mais emprestar a *Estação* a parentes, amigas, conhecidas e vizinhas. E assim o tenham V.V. Exmas. Entendido e o executem e o façam executar (*A ESTAÇÃO*, 15 mar. 1882).

Além das reprovações aos empréstimos, cumpre assinalar a significativa cifra de 10 mil assinantes, correspondendo, possivelmente, ao referido total de 100 mil leitores, o que permite perceber o nível de importância que a revista detinha na difusão cultural brasileira. As reprovações aos empréstimos continuariam a reaparecer em diversos números da revista, evidenciando a insatisfação e a preocupação dos editores com a situação. Na seção “Correspondência” – espaço em que são respondidas as cartas das

assinantes de diversos estados – o tema do empréstimo é abordado com um tom de desalento da parte dos editores: “O que tem demorado a marcha progressiva da nossa folha é não ser cada leitor assinante. É infelizmente muito maior o número dos que se aproveitam do jornal sem o pagar, do que os que o assinam” (*A ESTAÇÃO*, 29 fev. 1888, p. 16).

Desse modo, o procedimento adotado para manter o compromisso firmado em relação aos preços das assinaturas será a realização de promessas no período de renovação das assinaturas. Essa estratégia é procedida, por exemplo, no número de 15 de novembro de 1886, em que a revista apresentava um aviso em que se comprometia a ampliar o tamanho da folha de moldes a partir do número seguinte e, na seqüência, solicitava aos leitores que renovassem as suas assinaturas.

Com a desestabilização econômica ocorrida nos primeiros anos da República em função do que se convencionou chamar de “Encilhamento”, a revista *A Estação* seria obrigada a alterar os preços das assinaturas a partir do ano de 1891, conforme a tabela abaixo:

Capital, um ano	15\$000	Capital, seis meses	9\$000
Estados, um ano	17\$000	Estados, seis meses	10\$000

A alteração não seria suficiente para resolver a situação e no ano seguinte, no número de 15 de setembro de 1892, a revista torna a apresentar novos preços para as assinaturas:

Capital, um ano	18\$000	Capital, seis meses	10\$000
Estados, um ano	20\$000	Estados, seis meses	11\$000

A situação parecia ter fugido ao controle da direção da revista e, no decorrer da década de 1890, as alterações nos preços das assinaturas seria matéria constante das páginas d’*A Estação*. A partir de 1893, a indicação dos preços deixa de ocupar o cabeçalho abaixo do frontispício da revista e o espaço passa a ser preenchido pela descrição quantitativa do conteúdo oferecido pelo periódico.



Figura 1: Frontispício da revista e cabeçalho contendo a descrição do conteúdo publicado que, a partir de 1893, passa a ocupar o espaço em que se indicavam os preços das assinaturas (A ESTAÇÃO, 15 ago. 1893).

Em 1893, ano em que ocorreu a Revolta da Armada, que endividou o Brasil e deixou-o sem crédito, a direção da revista vê-se obrigada a efetuar nova alteração nos valores cobrados pelas assinaturas, conforme consta do aviso de 15 de agosto, reproduzido a seguir:

AVISO

Persistindo a grande baixa do câmbio e a conseqüente elevação do preço das matérias primas e salários, vêm-se os abaixo assinados mais uma vez obrigados a alterar os preços desta folha, que ficam vigorando como segue:

CAPITAL FEDERAL

Ano.....22\$000
Semestre.....12\$000

ESTADOS

Ano.....24\$000
Semestre.....13\$000

Número avulso.....1\$500

Em razão do aumento de preço, informamos às pessoas que nos remeterem dinheiro para assinaturas novas ou reformas, que, para evitar delongas, far-se-ão as assinaturas por prazo correspondente à quantia recebida.

H. Lombaerts & C.
(*A ESTAÇÃO*, 15 ago. 1893, p. 85).

Note-se que, pela primeira vez, é estabelecido um valor para a compra de exemplares avulsos, o que dá mostras da gravidade da situação financeira que a revista começa a vivenciar. A aceitação de quantias insuficientes também é um indicativo da dimensão das complicações econômicas que estão sendo enfrentadas pela *Estação*. Cumpre assinalar que, num curto período de três anos, a quantia de 12\$000, que até 1891 correspondia ao valor da assinatura anual para a corte, passou a equivaler, a partir do reajuste de 15 de agosto de 1893, a uma assinatura semestral, ou seja, a metade do que era adquirido três anos antes com a mesma quantia.

Nos anos seguintes, há uma breve estabilização nos preços, que são mantidos nas disposições indicadas acima até o ano de 1897. No entanto, na abertura do ano de 1897, a direção continua a dar mostras das complicações financeiras decorrentes das “torturas do câmbio”, conforme transpõe no seguinte trecho da saudação às leitoras pelo ano novo:

Muitas e terríveis tem sido as dificuldades últimas da existência de uma folha exclusivamente artística; as torturas do câmbio são constantes e cada vez mais opressoras; são entretanto poderosos os auxílios das nossas distintíssimas protetoras que a *Estação* tem podido continuar, desassombadamente, a prestar-lhes todos os seus serviços, o que constitui o principal objeto de seu orgulho (*A ESTAÇÃO*, 15 jan. 1897, p. 1).

Em 1898, ano do encerramento da colaboração de Machado de Assis na revista, registra-se, além de nova alteração nos preços, uma diversificação completa nos prazos de duração das assinaturas, conforme consta no quadro abaixo:

Capital Interior		Capital Interior	
12 meses ..26\$000	28\$000	7 meses...17\$000	18\$000
11 “24\$000	26\$000	6 “14\$000	15\$000
10 “22\$000	24\$000	5 “12\$000	13\$000
9 “21\$000	22\$000	4 “10\$000	11\$000
8 “19\$000	21\$000	3 “8\$000	8\$500
Número avulso.....	1\$500.	Pelo correio registrado 1\$700	

Na virada para o século XX, novas alterações nos preços seriam registradas até a interrupção definitiva da revista em 1904. Essas constantes oscilações que marcaram o final da trajetória d’*A Estação* são índices expressivos do impacto que as transformações econômicas operadas pela política do Encilhamento exerceram sobre as instituições culturais do país.

4. A estação: revista francesa *made in germany*

Conforme se mencionou anteriormente, o editorial de abertura da revista deixa a impressão de que a transformação da edição brasileira se faz a partir da matriz francesa *La Saison*. Em nenhum momento, faz-se referência a outras matrizes, o que pode ser entendido como uma estratégia de venda pelo fascínio que o produto francês exercia sobre os consumidores brasileiros, sobretudo em assuntos relacionados à moda. No entanto, no final do ano de 1885, os editores se vêem obrigados a contestar acusações e a desfazer esse (*conveniente?*), equívoco:

[...] “*A Estação*, dizem, é um jornal alemão, e vós que julgais segundo seus conselhos, trajar segundo os preceitos da capital universal da moda que é Paris, enganai-vos redondamente, porquanto vestis apenas trajes ideados em Berlim”.

Para tal argumentação baseiam-se os detratores da *Estação* no fato de serem algumas edições em diversos idiomas deste jornal impressos em Leipzig. O tronco da organização de que *A Estação* é um dos ramos está na verdade plantado em Berlim.

Aí publica-se *Die Modenwelt*, jornal de modas que hoje, só sob esse título, tem edição maior do que todos os jornais de modas publicados em Paris reunidos. Aí é redigida, aí são gravados os desenhos, aí é impressa e traduzida em 14 idiomas para dar à luz vinte publicações diferentes cujo elemento artístico é o mesmo. [...].

Berlim, Paris, Bruxelas, Berna, Haya, Londres, Nova York, Madrid, Milão, Porto, Rio de Janeiro, Viena, Budapeste, Varsóvia, Praga, Stockolmo, Copenhagen, Agran, S. Petersburgo [...].

Os elementos de que se compõem esses jornais são, na sua máxima parte, colhidos em Paris, onde a empresa tem senhoras exclusivamente empregadas na procura de modelos novos de originais no que diz respeito a modas, porque só ali são lavrados os decretos da [...] elegância.

Quanto aos trabalhos de mão, não há que negar na Alemanha existem mais variados do que em parte alguma [...] porém tem publicado trabalhos de agulha de todos os países [...] inclusive belas amostras de nossos crivos e rendas.

Já vêem os nossos leitores quanto é falso o que diz um agente de jornais desta corte, afirmando em repetidos anúncios ser o único verdadeiro jornal *La Saison*, a edição que se publica em Paris, e ser o outro jornal de mesmo nome, um periódico que só publica as modas de Berlim.

Todos nós sabemos que não há modas de Berlim. Se assim fosse, *La Saison* de Paris não reproduziria essas modas exóticas, mormente depois de terem sido publicadas pelo jornal *Die Modenwelt* [...].

Os figurinos da *Saison* de Paris só aí vêm à luz quando desde mais de quinze dias são conhecidos em toda a Alemanha.

[...] se assim fosse, como poderiam os 740 000 assinantes que atualmente recebem os vinte jornais [...], como poderiam receber e animar uma publicação que os induz em erro?

O fato de a impressão e gravura dos desenhos na Alemanha é de fácil explicação. Sabem todos que nesse país, a par da perfeição do trabalho, o preço da mão-de-obra é muito mais reduzido que em qualquer outro. A gravura em madeira é uma arte que aí se acha em condições especialíssimas; não há pois que estranhar que a maior parte dos jornais ilustrados franceses, e, particularmente muitos jornais de moda, façam executar na Alemanha a gravura dos modelos que querem publicar. É um estratagema comercial que aproveita aos editores, é verdade, mas no qual também ganham os assinantes, porquanto, sendo menores as despesas, também menor será o sacrifício exigido dos leitores.

Desnecessário é dizer que estamos prontos a provar com documentos tudo quanto acima fica dito [...] (*A ESTAÇÃO*, 31 dez. 1885).

Esse longo editorial, além de desfazer o equívoco de uma simples associação entre *A Estação* e a matriz francesa, revela que a revista brasileira é produto de uma grande rede multinacional que circula em vinte países,

abarcando um número estupendo de assinantes, 740.000. Paris continua a ser, na afirmação dos editores, a inevitável orientadora das tendências da moda, contudo, a preparação desse conteúdo conta com a qualidade e a economia do trabalho germânico. Desse modo, *A Estação* é, na verdade, uma revista de modas parisienses *made in Germany*.

5. Descompassos e contra-sensos do “jornal de modas”

O “Jornal de Modas” inicia-se sempre com a seção “Crônica da moda”, que ocupa a primeira página da revista, fornecendo uma visão panorâmica das tendências da moda em Paris. As crônicas eram escritas na própria capital francesa e dedicadas especialmente à edição brasileira da revista; nos primeiros anos são assinadas por Antonina Aubé ou por Brasília Pinheiro; nos últimos anos a seção adota a rubrica “Correio da moda”, passando a estar sob a responsabilidade de Paula Cândida.

Em certas ocasiões, a “Crônica da moda” abria espaço para o registro da vida elegante da corte carioca, como se constata pela promessa feita pela cronista às leitoras:

A próxima crônica informará às nossas leitoras circunstanciadamente sobre os *toilettes* que apareceram no brilhante baile que no dia 24 do corrente teve lugar no Cassino Fluminense, o que não pode sair no presente número por já estar no prelo.

Pela mesma razão deixamos de falar no concerto da Filarmônica Fluminense e nas corridas do Prado de que daremos conta minuciosamente (Antonina Aubé. *A ESTAÇÃO*, 30 jul. 1879, p. 123).

Mantendo uma seqüência independente em relação ao suplemento literário, a parte de modas é composta por oito páginas. A página inicial é a do frontispício da revista e da crônica da moda, apresentando uma gravura de moda na parte central. Na seqüência, seguem mais sete páginas contendo ilustrações coloridas de trajes elegantes para as mais diversas situações (bailes, festas, saraus, recepções e eventos sociais que exigem elegância, assim como vestimentas para mau tempo, frio, calor, esportes, cavalgadas, passeios etc.), moldes para a confecção de artigos de moda que acompanham a vestimenta feminina (luvas, leques, laços, toucas, mantos, chapéus, cintos, corpetes etc.), riscos para a composição de peças de decoração para o lar (cestas, almofadas, tapetes, ornamentos etc.). Nessas páginas, a revista tam-

bém oferecia figurinos de roupas para crianças e modelos para a fabricação de brinquedos. Tudo isso era acompanhado de extensas legendas explicativas, com instruções detalhadas sobre o procedimento da confecção e sobre os aviamentos necessários para o trabalho. Essas oito páginas são acompanhadas por uma ou duas pranchas coloridas com figurinos de mulheres elegantes, vestidas no rigor da moda parisiense.

A capa exterior da revista apresenta informações técnicas da revista, tais como preços da assinatura, locais de venda, forma de pagamento e uma descrição quantitativa do conteúdo da parte de modas, conforme segue no exemplo abaixo:

Publica-se *A Estação* a 15 e 30 de cada mês. Um ano do jornal além de 350 páginas de texto in 4º. contém 2.000 gravuras de modas e delicados trabalhos de senhora, 36 lindos figurinos coloridos à aquarela e 14 folhas grandes reproduzindo 300 moldes em tamanho natural e grande numero de riscos, monogramas, modelos, etc. O texto clara e minuciosamente explica todos esses desenhos, indicando os meios de executá-los de *per si*; além da parte literária, noticiosa, recreativa e útil, escrita especialmente para as leitoras deste jornal (*A ESTAÇÃO*, 15 jan. 1897).

A computação da quantidade de material oferecido pela *Estação* às suas leitoras apresentava variações que dificultam a determinação precisa de seu conteúdo, visto que no mesmo número, o texto acima era reproduzido, com algumas modificações, na primeira página da revista, logo abaixo do frontispício – local que anteriormente era ocupado pela indicação do preço das assinaturas. Essa segunda versão apresentava as seguintes informações:

A Estação publica-se a 15 e 30 de cada mês. Um ano do jornal além de 450 págs. de texto in 4º. contém 2.000 gravuras de modas e trabalhos, 26 lindos figurinos coloridos e 12 folhas grandes contendo 240 moldes em tamanho natural e numerosos riscos, monogramas etc. A parte literária, noticiosa e recreativa é também fartamente ilustrada (*A ESTAÇÃO*, 15 jan. 1897, p. 1).

Da capa exterior, cumpre destacar também a designação que acompanha o título da revista: “Jornal de modas parisienses dedicado às senhoras brasileiras”. Esse subtítulo delimita o direcionamento específico do “jornal de modas” ao público feminino e ostenta a assumida filiação às tendências da moda parisiense. O procedimento de ressaltar a relação com a capital francesa pode ser entendido como uma estratégia de atração do público e

de vendagem da revista, já que, conforme as palavras de Laurence Hallewell (1985, p. 129) a respeito dos periódicos de Garnier, “o apelo esnobe exercido por tudo que fosse francês” era um fator de relevada importância para o consumo de bens materiais e culturais no meio brasileiro.

No entanto, acompanhar rigorosamente as tendências da moda parisiense consistia, conseqüentemente, em conviver com as inconvenientes diferenças climáticas entre França e Brasil. O resultado disso é o descompasso entre os figurinos² apresentados pela revista e as exigências das estações climáticas nos trópicos, como se pode observar, dentre os diversos exemplos, no número da revista de 15 de janeiro de 1880. Além de apresentar figurinos e modelos de mantas em tecidos próprios para o frio (lã, veludo, pelúcia etc.), a “Crônica da moda” trata de eventos e situações próprias do inverno:

A questão na ordem do dia, em matéria de modas, são as toilettes para a noite. Com o frio começaram as festas, teatros, concertos e bailes, todos os divertimentos enfim que tornam Paris uma maravilha atrativa para o mundo elegante, na própria quadra em que os rigores da estação deveria afugentar dela os que podem ou querem viver sem os cuidados que exige o inverno (A. Aubé. *A ESTACÃO*, 15 jan. 1880, p. 1).

De modo similar, o descompasso repete-se durante as nossas estações frias (outono e inverno), quando a revista passa a reproduzir figurinos e modelos que aplicam tecidos leves, próprios do verão (algodão, cetim, gaze, seda, faille etc.). Observa-se também a preponderância de vestimentas para passeios no campo, banhos de mar, esportes e outras atividades próprias do verão. A “Crônica da moda” ressalta novamente o descompasso climático, aludindo a situações (fim do inverno) incongruentes com a estação local no mês de abril:

Desde que os primeiros raios de sol, ainda muito pálidos, têm feito pressentir a bela estação, parece-me que o inverno cessou para sempre, e que uma pri-

² Compare-se, por exemplo, as ilustrações reproduzidas na página seguinte. A primeira figura, exposta na página inicial do número de 30 de junho de 1884, apresenta mulheres trajando roupas sensivelmente leves, o que é bastante inadequado para a estação fria que nesse período vigora no Brasil. Em contraposição, na segunda figura, reproduzida na primeira página do número de 15 de dezembro de 1884, exibem-se mulheres com roupas pesadas, totalmente inconvenientes para o calor que, nesse período, assola os trópicos.

mavera eterna lhe sucede, não nos sendo mais necessário garantir-nos contra o vento da fria estação, e que de agora em diante o céu não terá para nós senão sorrisos e a terra senão flores. Pois, como para apressar ainda a chegada de dias mais prósperos, faço como a abelha, procurando de parte e de outra, a intenção das minhas leitoras, e tendo a minha colheita concluída, venho falar-vos das novidades preparadas por toda parte, para os adereços de verão (*A ESTAÇÃO*, 15 abr. 1884).

Roupas pesadas no verão e vestimentas leves no inverno; frio em janeiro, calor em abril! A leitura dessas passagens e a observação dessas incongruentes combinações, por si só, causam certa estranheza. Imaginar que essas tendências eram rigorosamente seguidas pelas mulheres brasileiras confere a dimensão do ridículo que permeava a vida elegante das senhoras nos trópicos.



Figura 2: (*A ESTAÇÃO*, 30 jun. 1884).



Figura 3: (*A ESTAÇÃO*, 15 dez. 1884).

A amenização do contra-senso inerente à aclimação das tendências da moda parisiense dependeria especificamente do engenho da “gentil leitora”, conforme esclarece a resposta da redação às assinantes divulgada na seção “Correspondência” de 15 de fevereiro de 1889:

Certo é que as modas parisienses atuais são próprias do inverno, mas respeitando os feitios e disposições que é o que constitui verdadeiramente a moda, podemos aqui executar toilettes semelhantes, mas próprias da nossa estação. Ali é que se revela todo o gosto e engenho da nossa gentil leitora (*A ESTAÇÃO*, 15 fev. 1889, p. 12).

Afora essas incongruências provocadas pelas divergências climáticas, a revista defendia, em matéria de modas, o equilíbrio, a moderação e a discrição, conforme transparece no seguinte editorial:

A moda terá a sua justa medida [...] [não se encontrarão] nem conservadoras retrógradas nem adiantadas petroleiras [...] na *Estação*; é porque nosso jornal é feito para a família, e a mãe discreta e inteligente se dedica para que, por si e por seus filhos, mostrem no traje uma digna idéia de quanto compreende sua sublime missão (*A ESTAÇÃO*, 30 set. 1879).

Traçando uma comparação entre as tendências ideológicas do *Jornal das Famílias* (periódico responsável pela publicação de praticamente todos os contos da juventude de Machado de Assis), e as da revista *A Estação*, John Gledson assinala a diferença no índice de conservadorismo entre essas duas publicações:

O *Jornal das Famílias* e *A Estação* eram revistas femininas. [...] Conquanto as duas tenham muito em comum – ambas eram impressas na Europa, ambas davam grande destaque para a moda, com ilustrações coloridas de trajes elegantes –, o *Jornal* era mais conservador, apresentando, por exemplo, ensinamentos religiosos e crônicas culinárias. *A Estação* não só era mais luxuosa (era impressa na Alemanha, embora com modelos franceses, e apenas o suplemento literário, para o qual Machado escrevia, era feito no Brasil), como também argumentava, com o devido respeito pelo ponto de vista masculino, que as mulheres deviam ser instruídas e não se limitar tão completamente à vida do lar (GLEDSON, 1998, p. 17-9).

Em linhas gerais, a despeito dos descompassos climáticos, *A Estação* empenhava-se em proporcionar às suas leitoras os figurinos, os modelos e as orientações necessárias para trajar com elegância e modernidade, procurando sempre atentar para a necessidade de economia da maior parte de sua clientela: as mulheres da classe média.

6. “Parte literária”: entre a arte e o passatempo

Em sua fase inicial, a “Parte literária” da revista é desenvolvida no espaço de quatro páginas por número, as quais apresentam uma divisão em três colunas. De um modo geral, a página inicial é reservada para a literatura em prosa (romance, novela, conto), enquanto as demais são dedicadas a variedades (poesia, belas artes, ilustrações, noticiário sobre a vida cultural da corte, resenhas, crônicas, seções de entretenimento, conselhos e informações de utilidade para a mulher e a família etc.). Outra presença constante são os anúncios de casas comerciais de produtos franceses que pululam nos rodapés das páginas, invadindo, muitas vezes, o espaço que seria reservado à literatura e tomando furtivamente para si a atenção da leitora distraída.

A partir de 15 de agosto de 1890, a “Parte literária” seria ampliada para seis páginas; no entanto, aumentaria também a quantidade de anúncios publicados, com folhas inteiras dedicadas à publicidade, o que pode representar tanto um indicativo do sucesso da revista quanto uma tentativa de suprir as dificuldades financeiras que a revista vinha enfrentando com as referidas “torturas do câmbio”.

Entre as rubricas mais constantes ao longo da publicação da revista, destacam-se a seção de “Literatura”, dedicada especificamente à prosa, em que a assinatura de Machado de Assis ou de seus pseudônimos é presença dominante; a “Bibliografia”, publicada com certa regularidade até o ano de 1885, que se ocupa da resenha de obras literárias; a “Poesia”, seção permanente ao longo de toda a trajetória da revista, em que se destacam os nomes de Alberto de Oliveira, Raymundo Correa e J. de Moraes Silva; o “Teatro”, com rubricas que oscilam entre “Teatros e Concertos”, “A Cidade e os Teatros”, ou simplesmente “Teatros”, as quais se ocupam não só da apreciação das peças representadas, como também da vida social que circunda o ambiente teatral; o espaço dedicado às “Belas Artes”, em que figuram quadros e gravuras de pintores renomados da tradição universal, que são acompanhados pelo que Marlyse Meyer denomina de “longas e moralizantes legendas explanatórias” de feição germânica (MEYER, 1993, p. 82). Por fim, cumpre ressaltar a presença marcante das “Variedades”, quer sob essa rubrica, ou sob outras que a acompanham e a complementam. Assinaladas pelo tom recreativo, essas seções ocupam-se da parte mais ociosa da revista. Dentre suas publicações destacam-se as anedotas, pensamentos e máximas de pessoas ilustres, receitas e dicas de utilidade doméstica, conselhos de beleza e de etiqueta às leitoras, “Croniquetas” sobre a vida cultural da

corde carioca, e a seção mais característica deste conjunto: “Horas de ócio destinadas às assinantes”. A respeito dessa rubrica, Marlyse Meyer faz um questionamento importante para a definição do espírito da revista: “De que tipo era a leitura das outras rubricas: não ócio ou não eram para as senhoras?” (MEYER, 1993, p. 82).

Para uma análise consistente da questão levantada por Meyer, cumpre examinar as propriedades do discurso dos editoriais destinados aos assinantes que, no decorrer da publicação da revista, são difundidos no interior da “Parte literária”. Vejamos, por exemplo, o editorial publicado em 15 de junho de 1885 – número especial da revista em que se presta uma “Homenagem a Victor Hugo”, por ocasião da morte do ilustre poeta francês. Nesse artigo, os editores tecem explicações sobre a homenagem e fazem alguns apontamentos sobre os propósitos d’*A Estação*, conforme consta a seguir:

[...] para não sairmos do círculo dos sentimentos e das preocupações naturais às nossas leitoras, não olhamos para o político nem para o filosófico que morreu com Victor Hugo. Esses fiquem para outras revistas e jornais, em que cabe todo o homem. Tomamos dele a parte que mais especialmente pode falar à mulher.

[...] Vereis aí o que ele disse do amor, da maternidade, da piedade, das mulheres, das crianças, das flores, de tudo o que pode falar aos sentimentos brandos e piedosos.

[...] Victor Hugo fala especialmente aos sentimentos cristãos.

[...] *Napoléon le petit* é um livro flamejante, os *Chatiments* é outro; mas nem um nem outro cabem aqui.

[Nas figuras femininas de suas obras transparece a] beleza moral pela vibração do sentimento, [...] a intenção de elevar a mulher.

[Nas páginas da *Estação*] sempre há de haver a nota feminina e a nota pueril, o amor da mulher e o riso da criança (*A ESTAÇÃO*, 15 jun. 1885, p. 45 e 48).

A partir desse editorial, já se torna possível extrair uma resposta precisa sobre o direcionamento da revista. Nota-se que, a despeito da diversificação do conteúdo publicado na “Parte literária”, *A Estação* tinha em vista uma destinação prioritária ao público feminino. O interlocutor dos editoriais, de um modo geral, é sempre a “leitora”. Determinado o alvo das publicações, resta definir as especificidades do círculo de “preocupações naturais

das leitoras” e o modo de leitura assumido por elas. Na delimitação dos assuntos de interesse da mulher, influi uma concepção do feminino bastante característica do século XIX, em que a mulher figura como um ser frágil, “pueril”, de “sentimentos brandos e piedosos”, assinalado pelo signo do amor e da maternidade, cujas virtudes morais devem ser resguardadas com diligência. Esses conceitos estão nitidamente entranhados nas propriedades do discurso dos editoriais da revista e nos critérios que orientam a seleção das matérias que devem compor as suas páginas, evidenciando a preocupação com a amenidade dos temas, a moralidade das concepções e o enaltecimento dos sentimentos nobres, da sensibilidade materna e do pudor femininos. Dentro desse círculo de interesses, há uma nítida recusa por assuntos relacionados à política, vista como objeto de domínio exclusivamente masculino. À mulher, cumpre falar de coisas mais amenas como flores, poesias e histórias sentimentais, moda, vida social e cultural, etiqueta, higiene, decoração, utilidade doméstica etc.

Em outro editorial, publicado em 31 de dezembro de 1887, reforça-se a divisão entre os assuntos de interesse do homem e os da mulher, e enfatiza-se novamente o direcionamento específico ao público feminino:

“Às leitoras”

Aos homens, a política, a administração, o comércio, as lutas exteriores de todos os dias. Não trabalhamos para eles, particularmente, embora saibamos que mais de um nos lê, nos acompanha e nos anima. A *Estação* foi estabelecida como um veículo das alterações elegantes e feminis que se dão no centro da vida européia.

[...] todas acham aqui o que Paris inventou e o que lhes fica melhor (A *ESTAÇÃO*, 31 dez. 1887, p. 110).

Quanto ao nível de leitura adotada pelas “amáveis leitoras” da *Estação*, interessa observar a irregularidade da publicação do romance *Quincas Borba* de Machado de Assis, conforme registra Marlyse Meyer: “além das pequenas suspensões costumeiras, de uma ou duas quinzenas, no máximo, há uma longa interrupção, pulos, lapsos e diferenças muito grandes entre jornal e volume” (MEYER, 1993, p. 98). Em diversas ocasiões, a numeração dos capítulos retrocede a números que já apareceram anteriormente, o que conduz às seguintes considerações de Meyer: “Com efeito, o leitor de folhetim, tal como hoje o acompanhador de telenovela, não devia prestar

muita atenção à numeração dos capítulos; o que interessa mesmo é saber da continuação da história” (MEYER, 1993, p. 100). Tais circunstâncias deixar transparecer o baixo teor crítico e analítico que permeia a leitura procedida pelas assinantes de *A Estação*, cujo interesse pela literatura parece constituir simplesmente uma forma de entretenimento e passatempo.

7. De seção em seção: o percurso da leitura

A seção dedicada à “Literatura” contava com um dos mais prestigiados colaboradores da revista, Machado de Assis, que, no decorrer da sua colaboração, publicou 37 contos, a novela *Casa velha*, o romance *Quincas Borba* e outras produções de gêneros diversos. Depois de dezesseis anos de colaboração regular no *Jornal das Famílias* (1863-1878), que dedicava um amplo espaço à literatura em prosa, Machado de Assis parece ter apresentado certa dificuldade em se adequar ao espaço limitado que *A Estação* oferecia a esse tipo de produção, visto que seus primeiros contos estendem-se por vários números do periódico, atingindo, por vezes, a marca de seis meses de publicação continuada de uma mesma narrativa. Com o passar do tempo, suas produções começariam a apresentar uma sensível tendência para a concisão e a publicação das narrativas passa a limitar-se a quatro ou cinco números da revista, no máximo. Em certas ocasiões, Machado colabora com produções que parecem ter sido escritas especificamente para completar o preenchimento de espaços vazios da diagramação das páginas da revista, conforme sugere Raimundo Magalhães Jr. a respeito do conto “Um bilhete” (Z. Z. Z. *A ESTAÇÃO*, 28 fev. 1885): “Este brevíssimo conto de Machado de Assis, esquecido nas páginas de ‘A Estação’, parece ter sido escrito com o simples intuito de encher um canto de página, completada, aliás, com a notícia da morte de Artur Barreiros, decerto também saída da mesma pena” (MAGALHÃES JR., 1956, p. 71, nota de rodapé).

Consciente do segmento de público que recepcionava a literatura publicada n’*A Estação*, as produções de Machado de Assis apresentam, de um modo geral, uma temática afinada aos interesses do leitorado feminino. A leitura, no entanto, exige certa cautela da parte da leitora, já que as referências aliciadoras e lisonjeiras que lhe são destinadas estão sempre carregadas de malícia e ironia. O foco de análise das narrativas tende a incidir sobre a psicologia feminina, perscrutando sentimentos inconfessáveis, vaidades e pretensões de classe.

A seção “Bibliografia”, por sua vez, foi publicada com certa regularidade até o ano de 1885; após essa data, tornou-se mais esparsa e foi desaparecendo progressivamente das páginas d’*A Estação*. Esse espaço era dedicado à resenha de livros recentemente publicados. A coletânea *Papéis avulsos* de Machado de Assis seria contemplada com uma resenha crítica desta seção, em 30 de novembro de 1882. A seção, no entanto, não se restringia apenas a obras literárias; resenhavam-se também livros sobre assuntos de interesse do público feminino, como por exemplo, *Livrinho de família*, apresentado na “Bibliografia” de 15 de maio de 1885. O livro era composto por uma série de receitas e dicas de utilidade doméstica; alguns trechos, inclusive, passariam a figurar nas páginas da revista nos números seguintes.

No campo da poesia, a revista fazia jus à promessa firmada no editorial de abertura de apresentar produções de “pessoas de reconhecida habilidade”. Dentre os diversos poetas que publicavam seus poemas n’*A Estação*, destacam-se Raimundo Correa e Alberto de Oliveira, que tiveram uma colaboração mais regular. Esses poetas, juntamente com Olavo Bilac, que teve uma participação mais esparsa na revista, foram os três grandes nomes da poesia parnasiana brasileira, conforme se pode contatar pelo reconhecimento que receberam em diversas *Histórias da literatura brasileira*.

Além desses renomados poetas parnasianos, a seção poética da revista contava com colaborações mais esparsas de outros nomes não menos importantes, tais como Machado de Assis, Ilac, Luís Delfino, José de Moraes Silva, Alfredo Leite, Guimarães Passos, Luís Murat, Lúcio de Mendonça, entre outros. Em linhas gerais, observa-se que a produção poética publicada n’*A Estação* deixa entrever uma nítida filiação às tendências da poesia parnasiana, mantendo ainda, por outro lado, alguns ressaibos do lirismo romântico.

A seção dedicada ao “Teatro” ocupava-se da cobertura dos mais diversos eventos relacionados à vida teatral da corte carioca. Sua matéria essencial era uma breve apresentação das peças encenadas, dos concertos e de outros eventos artísticos promovidos pelos teatros e salões fluminenses. A linguagem empregada assume, por vezes, um tom humorístico e zombeteiro, como se observa, por exemplo, nos comentários do cronista sobre a representação das peças *A cruz da morta* e *Um drama no alto mar*, consideradas como “dois dramalhões pesados e mais indigestos que uma... que duas saladas de pepinos” (*A ESTAÇÃO*, 28 fev. 1885, p. 18).

Essas crônicas teatrais geralmente eram assinadas por X-Y-Z, que Marlyse Meyer identifica como um pseudônimo de Artur Azevedo (Cf. MEYER, 1993, p. 104). Além da apresentação dos eventos artísticos, a seção fazia a cobertura de toda a vida social e cultural fomentada em torno dos teatros, noticiando fatos da vida dos atores e atrizes, debatendo sobre a atuação do Conservatório Dramático e as ações do governo relacionadas ao meio teatral.

A partir do ano de 1885, começou a figurar nas páginas da revista a seção intitulada “Croniqueta”, assinada por Eloy, o Herói (pseudônimo de Artur Azevedo). Num estilo bastante similar ao das crônicas teatrais, as croniquetas tratavam dos fatos e notícias da quinzena sob uma perspectiva nitidamente humorística, como se observa na seguinte passagem: “Depois de minha última croniqueta, passaram-se tantos casos e tão extraordinários, que me seria preciso escrever hoje não uma croniqueta, mas um cronicão” (*A ESTAÇÃO*, 31 ago. 1893, p. 92).

Como era comum que a croniqueta viesse a tratar de assuntos de pouco interesse para a clientela feminina, apresentava-se na parte inicial um pequeno cabeçalho contendo o sumário dos temas abordados. Isso certamente influía na opção das leitoras pela leitura ou não do texto. Na croniqueta de 15 de dezembro de 1892, o sumário apontava, dentre as matérias discutidas, a presença de “assuntos que não servem”. Na seqüência, o cronista torna a assinalar esse ponto no corpo do texto: “Uma quinzena cheia, não há dúvida, mas de assuntos pouco interessantes para as senhoras” (*A ESTAÇÃO*, 15 dez. 1892, p. 125). Nota-se, portanto, que havia uma nítida tendência para a seleção dos assuntos que mais podiam interessar à mulher.

Apesar disso, a política não podia deixar de entrar nesse espaço essencialmente noticioso da revista. O cronista, no entanto, demonstra certo ressentimento e hesitação sempre que as circunstâncias tornam inevitável a menção a fatos relacionados à política nacional, julgando necessário justificar-se perante a leitora:

As leitoras, se não passaram por alto croniquetas anteriores, devem saber que as minhas tendências políticas não são conservadoras [...].

[...] Bem sei que estes assuntos não agradam as leitoras; mas que hei de eu fazer, não me dirão? Durante a quinzena só se falou em política, e eu não posso colher assunto onde os não há (*A ESTAÇÃO*, 31 mar. 1888, p. 23-4).

Essas justificativas retornam à pena do cronista sempre que tratar de assuntos considerados fastidiosos para a leitura feminina, como se observa, uma vez mais, na seguinte passagem:

A leitora não me perdoaria se eu fizesse de principal assunto da quinzena o assunto principal da crônica. Não sei, mesmo, se me perdoará esta ligeira referência ao empréstimo levantado em Londres pelo Governo Brasileiro.

– Que tenho eu com isso? Dirá a leitora, e dirá muito bem. Falemos de coisas frívolas e alegres.

Pois falemos. [E passa a tratar das corridas no Jockey Club e no Derby] (*A ESTAÇÃO*, 30 abr. 1888, p. 30-1).

A despeito da preocupação em não desagradar o gosto feminino, os assuntos explorados nas crônicas de Eloy, o Herói, correspondiam, certamente, a uma das partes mais procuradas pelo diminuto leitorado masculino da revista.

Em meio à matéria literária e às variedades, *A Estação* reservava um espaço especial dedicado às belas artes, em que reproduzia, conforme a indicação de Ana Cláudia Suriani da Silva (2004, p. 1), xilogravuras artísticas originalmente publicadas no periódico alemão *Die Modernwelt*. Essas gravuras ocupavam, geralmente, a segunda página da parte literária e não raro interceptam o texto literário quando este se estende além da página inicial. Em diversos números da revista, essas ilustrações preenchiam todo o espaço da segunda página e a continuidade do texto literário só era procedida na terceira página, constituindo, assim, um elemento de desvio e de dispersão de sentido em relação à leitura literária.

Em muitas ocasiões, a revista apresentava, além dessas ilustrações maiores, quadros ou retratos menores que geralmente ocupavam o centro das páginas posteriores, sendo contornados pelas demais matérias. Para Ana Cláudia Suriani da Silva, o interesse de examinar essas gravuras está na possibilidade de determinar, a partir delas, a inclinação ideológica da revista. A pesquisadora observa que “a incorporação desse material artístico estrangeiro transportou para a revista brasileira a mesma inclinação ideológica da revista alemã: uma certa admiração pela vida aristocrática, pelos assuntos relativos a membros de realezas ou de impérios espalhados pelo mundo” (SILVA, 2004, p. 2).

Desse modo, acompanhando as tendências da revista alemã, *A Estação* investia na reprodução de retratos e bustos de personalidades artísticas, membros da aristocracia, de famílias reais e imperadores (vide figura reproduzida a seguir). Conforme já se mencionou, essas ilustrações eram acompanhadas por legenda explicativas denominadas de “As nossas gravuras”, em que se enalteciam as instituições imperiais e os valores defendidos pela aristocracia.



Figura 4: A Rainha de Espanha D. Maria Cristina (*A ESTAÇÃO*, 30 jan. 1880, p. 19).

Ana Cláudia Suriani da Silva, em seu estudo comparativo entre a matriz alemã e a edição brasileira, observa que Lombaerts executou o mesmo procedimento operado anteriormente pelos editores da revista *Die Modenwelt* que, de um periódico estritamente de modas, foi transformada em uma revista de moda, literatura e belas artes, direcionada para toda a família. Para a pesquisadora, “o resultado dessa combinação entre caderno de modas, parte literária e ilustrada [...] proporcionava à leitora o conhecimento necessário para se instruir e cuidar da família, valorizando ao mesmo tempo os costu-

mes aristocráticos, o cultivo da alta-cultura e a arte de se vestir bem” (SILVA, 2004, p. 5). Finalmente, a pesquisadora conclui que, ao se identificar com a cultura tradicional e aristocrática européia, a revista “estava promovendo e reforçando os valores culturais prezados pela própria elite carioca”. Assim, “para os setores médios, *A Estação* alimentava as aspirações de ascensão social ao patamar da elite” e, para os membros desta, “expressava a fantasia de identificação cultural com a Europa” (SILVA, 2004, p. 10).

Nesse sentido, os anúncios de casas que comercializam produtos franceses reforçam a difusão da ideologia e dos costumes aristocráticos que permeia o programa da revista *A Estação*. Em certos anúncios, há, inclusive, referências explícitas à clientela aristocrática, “francesa e brasileira”, que frequenta os estabelecimentos comerciais relacionados, conforme ocorre no anúncio reproduzido a seguir:

A seção “Variedades” aparecia com bastante regularidade nas páginas da revista. Esse espaço abrigava, muitas vezes, títulos ou subseções que se prolongavam por vários números. Exemplo disso é conteúdo publicado sob a rubrica “Erros e preconceitos”, cujo objetivo principal era desfazer mitos e crendices populares. Essas produções também apresentavam conselhos higiênicos e de utilidade doméstica às leitoras, indicando a necessidade de se evitar e solucionar certos erros e problemas, tais como o uso do espartilho, por exemplo, que, conforme se informa no número de 15 de maio de 1885, além de dificultar a respiração e a circulação sangüínea, deformava o busto.

Sob a rubrica “Variedades” publicavam-se desde anedotas recreativas e não raro moralizantes até receitas e dicas de utilidade das famílias. Algumas seções de publicação menos regular poderiam ser consideradas como elementos pertencentes ao conjunto das “Variedades”. Nesse quadro, poderiam ser inseridas a seção “Conselhos às mulheres”, que apareceu nos anos de 1897 e 1898, oferecendo orientações higiênicas, comportamentais e sentimentais; a seção “A moda entre nós”, que complementa o “Jornal de Modas”; a seção “Pensamentos de damas ilustres”, que reforça, uma vez mais, a disseminação da ideologia aristocrática nas páginas da revista, entre outras seções do gênero.

No quadro das Variedades, destaca-se, portanto, uma nítida inclinação para o desenvolvimento de um processo civilizatório, com o firme propósito de elevar a cultura brasileira ao nível da européia. Daí as orientações higienizadoras, físicas e também morais, as dicas de etiquetas, a instrução

e o necessário investimento na elegância; tudo isso rigorosamente ajustado aos preceitos da elite europeia.

Finalmente, dentre as seções recreativas, podemos indicar as referidas “Horas de ócio destinadas às assinantes”, que se empenhavam na distração e divertimento das leitoras por meio de chistes e ditos humorísticos. Outro exemplo bastante espirituoso é “Pensamentos sobre as mulheres”, que toma a própria clientela como alvo das chacotas, como se observa no seguinte gracejo: “Para se saber a idade de uma mulher é necessário perguntar a ela e a uma amiga. Ela diz que tem trinta, a amiga diz que tem quarenta; tira-se a média” (*A ESTAÇÃO*, 15 jan. 1897, p. 2). Nessa linha, também se encontra a seção “Mosaico”, composta por pensamentos, máximas, ditos populares e pilhérias destinados a divertir e a ocupar o tempo ocioso das assinantes. Para finalizar esse percurso panorâmico pelas seções do suplemento literário d’*A Estação*, reproduzimos a seguir, para o deleite dos leitores deste texto, uma das pilhérias apresentadas na seção Mosaico:

Exame de clínica

Examinador: – Queira determinar a natureza da moléstia deste homem.

Estudante: – Tem uma fratura da clavícula direita.

Examinador: – Que será preciso praticar, para que não fique defeituoso?

Estudante: – Será conveniente quebrar-lhe a clavícula esquerda (*A ESTAÇÃO*, 15 jan. 1897, p. 2).

Considerações Finais

Com este trabalho, foi possível traçar o perfil de uma das revistas de moda de maior sucesso do século XIX no Brasil: *A Estação: Jornal ilustrado para a família*. No plano da moda, o periódico é um produto de uma extensa rede multinacional difundida em vinte países, consistindo mais propriamente numa revista de modas parisienses de fatura germânica, cujo eixo central era a publicação alemã *Die Modenwelt*. Destinada prioritariamente a público feminino de classe média, a parte de modas da revista instrua as leitoras a vestir com elegância, modernidade e economia, confiando-lhes a tarefa de contornar, pelo engenho próprio, os descompassos climáticos inerentes à aclimação das tendências europeias. Por outro lado, o suplemento literário que acompanha a revista de modas era elaborado exclusivamente para a edição brasileira, contando com autores renomados da literatura nacional. A despeito da diversificação do conteúdo dessa parte literária, identifica-se também um

nítido direcionamento ao público feminino, acompanhado de uma adequação das matérias à futilidade, recreio e instrução – conceitos que, no século XIX, permeavam a concepção do feminino. Desse modo, a literatura publicada n'A *Estação* situa-se numa posição intermediária entre a arte e o passatempo, misturando-se com produções didáticas e recreativas que, talvez, induzissem as leitoras a tomar todo o conjunto como leituras de passatempo.

Referências Bibliográficas

A *ESTAÇÃO*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1879-1904.

GLEDSON, John. Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo. In: ASSIS, Joaquim M. Machado de. *Contos: uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.1, p. 15-55.

HALLWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1985.

MAGALHÃES JR., Raimundo (org.). *Contos sem data*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

MEYER, Marlyse. Estações. In: _____. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993, p. 73-107.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. A travessia transatlântica das gravuras da revista alemã *Die Modenwelt* para a revista brasileira *A estação*. In: CD-ROM do IX Seminário da ABRALIC, Porto Alegre, julho de 2004.

Recebido em 25 de novembro de 2007

Aceito em 27 de fevereiro de 2008